

# IDENTIDADE NACIONAL

## PONTAPÉ DE SAÍDA

ARTUR VARELA  
CARLOS JÚLIO  
DORA IVA RITA  
FILIPE CRAVO  
ILÍDIO SALTEIRO  
JOÃO BAETA  
MANUEL SANTOS MAIA  
SAMUEL SILVA E BOLOS QUENTES

GALERIA SANTA CLARA  
22H>13 DE JUNHO A 11 DE SETEMBRO

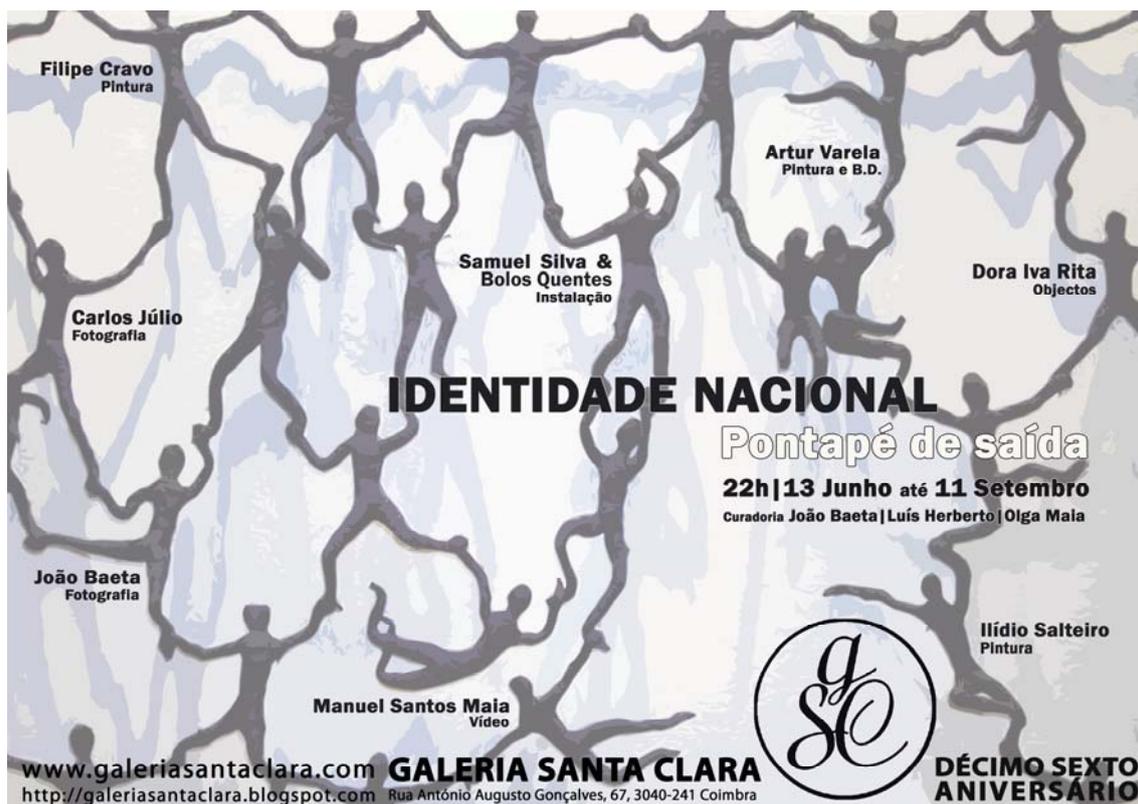
CURADORIA JOÃO BAETA | LUÍS HERBERTO | OLGA MAIA

GALERIA SANTA CLARA  
RUA ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES, 67  
3040-241 COIMBRA

[www.galeriasantaclara.com](http://www.galeriasantaclara.com)  
<http://galeriasantaclara.blogspot.com>



1993>2009  
16º ANIVERSÁRIO



A Galeria Santa Clara, dia 9 de Junho de 2009, completou 16 anos de existência. Está em plena adolescência e revela características próprias desta fase da vida. Questiona e afirma-se na sua identidade.

A par da afirmação da identidade e do seu aniversário, surge uma interrogação, mais do que um mote ou tema, define-se o projecto “ Identidade Nacional – Pontapé de Saída”.

Cria-se uma equipa. Olga Maia da Galeria Santa Clara; João Baeta, artista plástico e responsável pela programação do Espaço Ilimitado-núcleo de difusão cultural no Porto; Luís Herberto artista plástico, residente em Lisboa.

Este projecto parte do princípio que encerra nele próprio pistas, outros conceitos, outras formas, perspectivas diferentes, que por si só seriam assunto para desenvolver outros projectos, outras exposições.

“Identidade nacional - pontapé de saída” questiona se será Portugal adolescente, com os seus 900 anos de existência. Quem somos hoje? É suposto que existam problemas de identidade ou será patológico? É possível diagnosticar e se sim qual o tratamento preconizado? Qual o prognóstico?

E onde actua a globalização?

Nesta problemática encontrámos vários sintomas inequívocos de falta de identidade, de carácter no colectivo:

Tradições e costumes são tomados como regras. A diferença é olhada com desconfiança. A cópia é a regra.

Fazer como sempre se fez ou como o colega do lado faz sem questionar;

A iniciativa é vista com desconfiança ou inveja.

Falta a experimentação. Errar é preciso!

A comodidade e a segurança são as preocupações fundamentais (é melhor não fazer, vai dar problemas...);

Claro que as pessoas se podem enganar, cometer erros. Não é assim que amadurecemos?

Valorizar a criatividade, encontrar novas maneiras de fazer as coisas.

As autoridades, grandes ou pequenas, são sempre uma prova de fraqueza e de determinação primária do poder. Hierarquias. Corporativismos. Dividir para reinar.

Não há que ser subserviente à "autoridade", não há que ter medo da "autoridade".

Não há que estar de acordo onde não existe conhecimento e responsabilidade, coerência, consistência.

As árvores genealógicas, as relações de influências, dão legitimidade a quem não é merecedor. A quem não age no interesse de todos.

O reconhecimento por indícios exteriores de sucesso ou de riqueza, é critério

Há que avaliar, aceitar as qualidades das pessoas, as diferenças, por si mesmas e pelo seu carácter, pelo seu contributo ao colectivo. Seu altruísmo.

A quantidade de leis! De coimas por tudo e por nada! O cidadão, até prova em contrário, presume-se criminoso. Antes de fazer seja o que for é preciso saber se é permitido... E mesmo que seja permitido haverá certamente uma quantidade de burocracias, de licenças e de autorizações a obter e de serviços públicos a percorrer;

Libertar sem paternalismos...

Após diversas conversas e trocas de impressões, foram feitas escolhas. Surgiram 8 nomes, de norte a sul do país. Oito como os braços de um polvo...

Cada um dos artistas tem a sua abordagem. As suas interrogações. As suas respostas.

Convidamos-vos a participar neste projecto, nesta discussão, neste pontapé de saída. Não existe outra fuga, outro caminho, além de seguir em frente.

## ARTUR VARELA

Nasceu em Almodôvar, Portugal em 1937

Licenciado em Escultura - Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

Frequentou a École des Beaux-Arts, Atelier Adam, Paris, França.

Frequentou a Academia Ateliers 63, Haarlem, Holanda.

1964-1988 viveu e trabalhou na Holanda



“Mare portucalae” - óleo s/tela

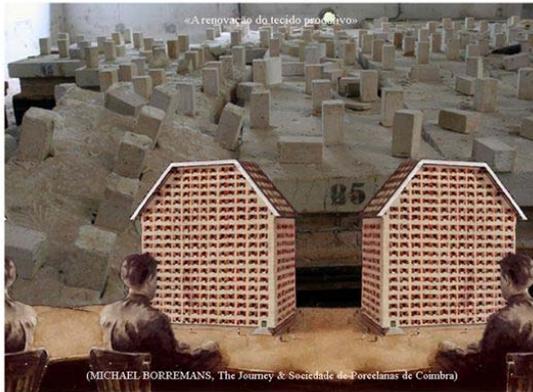
Num país dominado pela cultura de Estado e onde a cultura de Estado faz o mercado e o currículo Artur Varela prossegue há décadas uma obra silenciosa e silenciada. Ainda bem para ele. O tempo é de pose e best-sellers, kitsch e entretenimento, decoração e relações públicas, de parecer e aparecer. E num tempo assim os criadores, como os leões em banquete de chacais, bem podem ficar ao largo. Nas artes e nas letras como na política e no resto há em Portugal artistas a mais para tão pouca inquietação. Que tem isto a ver com o trabalho de Varela? Tem tudo. Porque a superfície lisa desse planeta de inexistências relevantes esconde a violência do mundo que o sustenta. E violência é a matéria-prima do trabalho de Varela. Ontológica, nodal. O que a sua pintura e escultura trabalham são formas que deformam, cores que se constroem, transfigurações do que supostamente está adquirido nos manuais do mito e da história, desagregação do sagrado, estruturas antagónicas, movimentos suspensos ou em queda. A série de bebés donde saíram as esculturas (...) sublinham bem isso: são bebés, mas velhos. Corpos recém-nascidos, mas disformes. Inocência, mas conjurada. Princípio, mas já fim. Esta dilaceração de ringue é uma transposição directa das crianças a óleo que pintou antes de passar às esculturas, mas é sobretudo um tema recorrente em toda a sua obra, como o demonstram nos últimos anos a paródia à desconstrução dos painéis de S. Vicente a que chamou “Mare Portucalae” ou a sequência dos torsos de 1993.

José Amaro Dionísio

## CARLOS JÚLIO

Carlos S. Júlio (1951), funcionário público por convicção, que gosta de viver em Coimbra.

« rumo ao Novo Mundo seja lá onde ele for »



“A renovação do tecido produtivo” – fotografia

# A V I S O

Estás perante o produto de um atentado triplo com violação da sagrada propriedade privada, actos de pirataria informática, plágio propagandístico.

Cada 1 dos 33 cromos da coleção “Rumo ao Novo Mundo seja lá onde ele for” tem 3 proveniências, todas infames:

#

As fábricas encerradas na periferia de Coimbra, provas mortas da “renovação natural do tecido produtivo” | retratos vivos da natureza fatal do Capitalismo, foram visitadas sem convite;

# #

*The Assistant, The Journey, The Pupils*, seres em suspensão alojados no site de Michael Borremans, deslocalizaram-se sem pré-aviso para repovoar os espaços fabris esvaziados;

# # #

Dos jornais de cada dia, respigámos frases lapidares de uma certa identidade nacional, títulos dos governantes garrafais de hoje e dos opositores governantes de ontem, loureiros e coelhos, uma amálgama ardente no desejo e no proveito de que “*não há alternativa ao Capitalismo*”.

- o - o - o - o - o - o - o - o - o - o -

Ao invés, reclamamos o rumo ao Novo Mundo, seja lá onde ele for, **descrentes** desconfiados das previsões do optimismo tecnológico e do pessimismo ecológico.

A **previsão do futuro**, o pontapé de saída ou a angústia do guarda-redes, foi sempre o alimento da adivinhação, da leitura de presságios, predições proféticas, fantasias, ficções e também da futurologia científica do agrado dos crentes no progresso contínuo.

A nós **satisfaz-nos** “a *visão possibilista da história, onde o real não se compreende senão no limite das suas possibilidades*”.

~~É possível vivermos num Mundo diferente.~~

Animado pelas baixas origens da coleção, reflecte no Mandamento que interdita os privados de propriedades de A tocar e ousa tu, hipócrita espectador, meu igual, meu irmão, apropriar-te destes cromos,

A3 200 mg impressão a laser, a 2,5 € de valor facial ou ainda menos, se a tanto te ajudar o engenho e a arte.

**DORA IVA RITA**

<http://www.wherethecentreoftheworld.com>

<http://www.csbn.com.pt>



“objecto”

As redes humanas são a base e a constante civilizacional.

Ao longo da história dos homens, redes organizadas de diversas formas, criaram sociedades estruturadas mediante regras diversas, deixando rastros de obras que reflectem a Humanidade, edificadas, física e espiritualmente, no espaço e no tempo.

A subida da escada a braços, a entreaajuda, a superação da dimensão individual. E o desespero!, os actos de selvajaria praticados sobre os mais frágeis, os pequenos teatros interiores, fechados em caixas – pequenos quartos que guardam, escondem, prendem – desilusões, afectos, tiranias e sobretudo, infractores das regras.

A rede e a infracção à norma – mas sobretudo, O AZUL. O azul profundo que evoca Ives Klein – outro infractor – o CRIATIVO (único meio salvífico da Humanidade, intrínseco ao homem), no qual se encontra o caminho para a resolução das tensões, para o absoluto, para a real dimensão do universo, que se renova através da infracção da ordem. E é também no desequilíbrio que se reforça e reencontra um novo equilíbrio.

O azul ajuda porque coloca todas as questões propostas num mesmo referente. Mas Ives Klein é o rei não manifesto.

Num monte abandonado do litoral alentejano, ao se entrar no fresco da casa aparentemente vazia, encontrou-se uma grande arca antiga. Abriu-se a arca e dentro dela estavam sete alvos novelos de fitas rasgadas de panos.

Era morada de mulher. Quem ali tinha vivido tecia mantas de trapos, recuperava zelosamente panos desusados, que de tão alvos, teriam sido lençóis. Quantos sonhos, quantas lágrimas e quanto suor ainda estarão inscritos nessas bolas enoveladas. Porque a água não lava as memórias.

Decidi não deixar a história daquela vida desconhecida apenas pela contemplação mas recriá-la na infração da sua norma, e que mais poderia criar do que pequenos seres? A *Árvore da vida* conta esta história, conta a história das mulheres, do poder de realização das mulheres, da capacidade, vontade e saber das mulheres e dos seus frutos. Com o azul encontrei a sua intuição universal, a da noite profunda, serena e prodigiosa, a pré inscrição da alvorada e do mundo revelado.

Dora Iva Rita, 1 de Junho de 2009

## FILIPE CRAVO

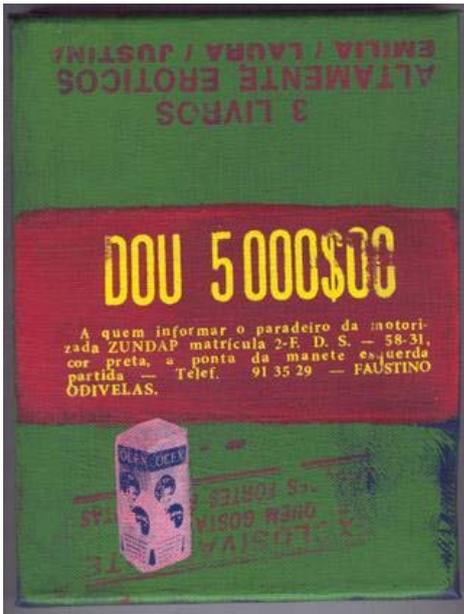
MA Fine Art, Central St. Martins College of Art&Design, Londres (2001/02)

Licenciatura em Pintura (1995–2000)

Oficina de Poesia/Escrita Criativa da Fac.Letras da Unv. de Coimbra (1999–2000)

“Experimental Printmaking”, “Silkscreen Printing” e “Color Mixing Workshop” (3 workshops na Central St. Martins, Londres) (1999)

Ajudante do escultor David Falconer, Londres (2001/02)



“Dou” – acrílico e óleo + serigrafia s/tela



# Amor de Mãe

por *Filipe Cravo*

+consigo.Coimbra

edição de 11 de Março a 23 de Abril, 2005

grátis

Emigração opcional ou forçada, problemas de pele, calvícies mal resolvidas, galos apátridas fugidos de Barcelos, elixires mágicos, rebuçados fora do prazo, desodorizantes milagrosos, rugas indesejadas, cremes importados... Quem é que ainda não conviveu de perto com algum destes casos? Quem é que não tem um primo de 3º grau emigrado? Quem é que nunca se sentiu desconfortável na sua própria pele?

Possivelmente não encontrará aqui as respostas, mas se colocar uns óculos com lentes progressivas - uma de ironia + uma de leitura metafórica - talvez consiga vislumbrar qualquer coisa para além do evidente. Decida-se por uma viagem virtual ao mundo da imaginação e perca-se pelos monumentos que a sua própria cabeça encerra. Viaje intemporalmente sem limites e, sobretudo, nunca se contente somente com

o visível. Por trás de cada frase feita, de cada anúncio de gosto duvidoso, existem várias questões sérias que se levantam, que dependem apenas de si para ganhar vida.

E lembre-se: trata-se, acima de tudo, de uma exposição sobre Portugal.

Nota: Optou-se deliberadamente pela pintura - sobre tela - numa atitude de regresso ao passado mais tradicional, longe das novas tecnologias, assim como também por um distanciamento da cultura anglo-saxónica. Assumiu-se a Língua Mãe.

Mais do que procurar uma linguagem pura, o autor interessou-se por digerir as múltiplas influências, tomando por suas as palavras dos outros.

Quando vivi em Londres vi-me confrontado com um sentimento que nunca julguei ter: a necessidade de uma pátria. Precisava de uma âncora de pensamento social para me compreender melhor. Sentia-me um cidadão do mundo, mas antes disso seria cidadão de um qualquer país, teria uma qualquer identidade. Foi então que decidi iniciar uma recolha de influências e mergulhei na cultura popular portuguesa. Foi também assim que comecei a perceber que para decidirmos - em plena consciência - viver neste país, temos de nutrir no nosso interior, mesmo que não saibamos, um amor incondicional, um amor que tudo perdoo e esquece, um amor que transforma defeitos em virtudes.. No fundo, um Amor de Mãe.

## COCKTAIL AMOR DE MÃE

500 gr de jornais amarelados pelo tempo, 350 gr de crónicas femininas, 200 gr de saudinha da boa, 100 gr de frases feitas, 2 dl de histórias do arco da velha, 1 chávena e meia de orgulho em ser português (caso não encontre substitua por outro orgulho qualquer), 1 mão cheia de pó de sôtão, 2 colheres de sopa de

anúncios de rádios regionais, 1-2 pitadas de saudade de qualquer coisa, contemporaneidade e nostalgia a gosto, amor q.b.

Misture tudo muito bem com uma batadeira de ironia e leve o monstro ao forno.

**Sugestão do chefe:** Sirva com pretéritos ligeiramente descongelados e meia dúzia de sorrisos salteados.

"Entre as afecções de boca dos portugueses que nem a pasta medicinal Couto pode curar, nenhuma há tão generalizada e galopante como a Portugalite. A Portugalite é uma inflamação nervosa que consiste em estar sempre a dizer mal de Portugal. É altamente contagiosa (transmite-se pela saliva) e até hoje não se descobriu cura."

Miguel Esteves Cardoso in A Causa das Coisas, 1986

## ILÍDIO SALTEIRO

Actualmente reside e trabalha em Lisboa e é professor de Pintura na FBAUL.

Nos anos 70 publicou e participou em actividades e acções de divulgação de Banda Desenhada.

Expõe regularmente desde 1979, tendo realizado até ao momento vinte e oito exposições individuais.

Está representado em muitas colecções públicas e privadas.

Fomentou projectos de intervenção social, cultural e artística: A Barca – cooperativa de dinamização cultural, o restauro de uma fragata do Tejo, Casa de Santa Bárbara de Nexe, The centre of the world is here.

Como teses de mestrado e doutoramento desenvolveu temas sobre a articulação da Pintura em contextos religiosos cristão: Do retábulo ainda aos novos modos de o fazer e pensar (orientado por Rocha de Sousa e Isabel Sabino), Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 2006 e Arquitectura Retabular no século XVI, (orientado por Autor Nobre de Gusmão), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1987.



“O representante I” – 44 x 55 – 2002

Expor a paleta é expor a estrutura logística da realização das obras de pintura.

A paleta é o que sobra do acto de pintar. É a aglomeração no tempo das misturas de tintas, são as cores mais ou menos sujas por outras, é o gesto já automatizado do pincel que constrói as cores exactas para as depositar na superfície da tela - e aqui já é com olhos do pintor que age.

Expor a paleta é expor o atelier, os panos manchados, o médium viscoso, o cavalete, a parede, o chão, marcados pelas mesmas cores, pinga ali, mancha acolá. É o cheiro dos pigmentos e dos médiuns, é a nutrição da obra, um repensar da Pintura, desfragmentando-a nos processos que a realizam.

Mas sobretudo a paleta revela uma metodologia do fazer. Revela a sensibilidade na criação da obra. Não revela a obra. Revela o autor! Revela o criador nos bastidores da realização da Pintura.

**Estas paletas, quando expostas, deixam de o ser e passam a representar o autor de obras hipotéticas, as quais só se suspeitam pela exaltação do seu processo**

**criativo.**

**Esta exposição é composta por sete auto-retratos de um criador.**

Ilídio Salteiro percebeu isso muito antes de se envolver com a ideia perfeitamente delimitada.

A sua metodologia de trabalho aprofunda os conceitos da antropologia social, reutilizando as comuns latas de conserva como recipientes para mistura de tintas. Por isso o retrato está tão próximo.

O emolduramento é o elemento mais visível que faz a transposição da paleta para o auto-retrato. Mas a arbitrariedade sequencial dos cromatismos da composição de cada obra é relevante para essa descoberta.

Dora Iva Rita

## JOÃO BAETA

*Lisboa , 1963*

Responsável pela programação do Espaço Ilimitado - núcleo de difusão cultural no Porto

Representado em várias colecções das quais se podem destacar:

Fundação da Juventude | Associação Nacional de Jovens Empresários | Banco de Portugal



“desenhos lixados e outras transparências” – fotografia

A casa portuguesa pode ser a dos versos de Reinaldo Ferreira, cantados por Amália Rodrigues, ou a casa de Raul Lino, de Teotónio Pereira ou Álvaro Siza Vieira. O desenho desse projecto, é antes de mais nada, mental, existe antes do arquitecto se debruçar sobre o papel.

Em Portugal talvez sem grande margem para dúvidas, o grande projecto de vida para a grande maioria das pessoas é, ter um dia a sua casa. Seu castelo, a sua fortaleza inexpugnável. Sinal de uma vida realizada...

Um projecto que terá determinados contornos para um jovem e que se irá transformando, adaptando-se à realidade ao longo da vida, para melhor ou para o pior, directamente relacionado com aquilo que a maioria considera sucesso ou fracasso.

No sonho, a casa foi desenhada por alguém e construída por outros. Não existe dor ou cansaço. Para outros a casa é aquela que foi possível construir com as próprias mãos e a qualidade varia consoante os materiais encontrados, com a existência de uma família e emprego. Aí o desenho da casa evolui como um cadavre exquis, sem direito à poesia. Um tecto e quatro paredes. Ou talvez algo maior do que um casaco.

Interessou-me aquilo que transparecia nos registos fotográficos que fui efectuando e acrescentando ao que chamo de inventário. Como é o sonho reinventado?

Desenhos lixados e outras transparências é um grupo de obras que constituem um inventário que não considero terminado, um enunciado de questões com muitas respostas que conduzem a outras questões.

As casas e outras estruturas que aí podemos observar, são espaços vividos e utilizados e apesar de se assemelharem a não-lugares, são lugares de vida e trabalho.

João Baeta

Uma casa portuguesa

Numa casa portuguesa fica bem  
pão e vinho sobre a mesa.  
Quando à porta humildemente bate alguém,  
senta-se à mesa co'a gente.  
Fica bem essa fraqueza, fica bem,  
que o povo nunca a desmente.  
A alegria da pobreza  
está nesta grande riqueza  
de dar, e ficar contente.

Quatro paredes caiadas,  
um cheirinho a alecrim,  
um cacho de uvas doiradas,  
duas rosas num jardim,  
um São José de azulejo  
sob um sol de primavera,  
uma promessa de beijos  
dois braços à minha espera...  
É uma casa portuguesa, com certeza!  
É, com certeza, uma casa portuguesa!

No conforto pobrezinho do meu lar,  
há fartura de carinho.  
A cortina da janela e o luar,  
mais o sol que gosta dela...  
Basta pouco, pouquinho p'ra alegrar  
uma existência singela...  
É só amor, pão e vinho  
e um caldo verde, verdinho  
a fumar na tigela.

Quatro paredes caiadas,  
um cheirinho a alecrim,  
um cacho de uvas doiradas,  
duas rosas num jardim,  
um São José de azulejo  
sob um sol de primavera,  
uma promessa de beijos  
dois braços à minha espera...  
É uma casa portuguesa, com certeza!  
É, com certeza, uma casa portuguesa!

Reinaldo Ferreira

## MANUEL SANTOS MAIA

Nasceu em Nampula, Moçambique, em 1970.

Vive e trabalha no Porto.

Licenciado em Artes Plásticas – Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Actualmente é doutorando do Doutoramento em Artes Plásticas e Artes Visuais "Modos de Conhecimento na Prática Artística Contemporânea" na Universidade de Vigo.

O vídeo *alheava\_film* foi Premiado no FIAV.08 (Festival d'Images Artistiques Video, 8<sup>ème</sup> édition), na Argélia, com o Prix Ibn Batuta, em 2008.



### **alheava\_film**

2006 – 2007

Vídeo, 35'10"

Vídeo realizado a partir de originais de filmes de 8mm, editados em Mini-DV Vídeo DVD-Pal, Cor, Audio PCM Stereo

Texto – Narrador: António Manuel Machado Maia

Argumento de Manuel Santos Maia

Captação Original (8mm): António Manuel Machado Maia

Pós-produção de imagem: José Roseira

Concepção sonora: Manuel Santos Maia

Mistura: Pedro Lima

Engenheiro de Som: Pedro Lima

Edição Vídeo: Manuel Santos Maia e José Roseira

Em *alheava\_film*, Manuel Santos Maia dá continuidade ao projecto *alheava* que tem vindo a desenvolver desde 1999, dando conta da identidade luso-africana e das especificidades próprias de um processo histórico de separação e independência que se tem mantido na penumbra, sobretudo no que se refere aos sujeitos que viveram essa experiência e, que o autor procura resgatar e participar, através da re-criação de múltiplas narrativas.

*alheava\_film*, assume o paralelismo entre a vida política e militar e a vida privada. Com um enfoque predominante sobre o palco de guerra revela o facto de militares portugueses que foram combater para África estavam alheados da vida nas colónias e de os colonos se encontrarem igualmente alheados das movimentações militares e políticas. Feito a partir de excertos de filmes feitos pelo pai na província de Nampula, *alheava\_film*, contém também a história da família em Moçambique e a caracterização da própria região. O som e a imagem deste trabalho parecem corresponder, reunidos num conjunto único, provocando um resultado que se assemelha a um documentário, mas é também possível perceber que são duas fontes distintas, divergentes no tempo, o que permite criar uma ideia de desfazamento no processo de rememoração, rompendo com a linearidade narrativa. Trabalhando a partir de memórias pessoais, familiares e colectivas; Manuel Santos Maia entende a memória enquanto algo que se molda, se ajusta e assenta subtilmente ao que nos convém, ao que pretendemos abordar, aprofundar, dizer, contar, etc. evidenciando que no

processo de rememoração, há selectividade que determina a reconstrução da realidade, a reconstrução de um filme mental que no seu processo se aproxima de um "remake" da vida real.

O grau de suspeição relativamente ao rememorador, aumenta se atendermos ao facto de que guardamos uma determinada informação e depois acrescentamos detalhes, construindo imagens positivas ou negativas. Pelo exposto a desconfiança relativamente à memória instala-se, mas sabemos que uma parte da nossa memória, a que está mais próxima de nós no tempo, é confiável. Como o investigador Alcino Silva refere, «*A memória está ligada a uma utilidade, a uma potencialidade. Penso que o mundo é muito menos interessante do que a forma como o vemos. São os cérebros criativos que vêem o mundo com outras "nuances" e as partilham com os demais. O mundo tem a sua aspereza e precisamos desse processo criativo para torná-lo mais ameno. Se [você] muda o seu comportamento diante da realidade, consegue de alguma forma alterá-lo aos seus olhos, e isso exige uma grande dose de plasticidade, maleabilidade.*

*Essa é uma das funções mais pujantes da nossa memória. Aprendemos como as coisas funcionam e gravamos os pontos em que falhamos, para fazer melhor da próxima vez. Não memorizamos tudo o que aconteceu exactamente como aconteceu. Por vezes, saber com precisão aquilo que realmente aconteceu não nos ajuda em grande coisa.*

## SAMUEL SILVA E BOLOS QUENTES

### Bolos Quentes

São um atelier de design de comunicação e direcção artística sediado no Porto. Iniciaram o projecto ainda enquanto alunos da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2002 e desde a conclusão do curso, em 2007, que a sua dedicação e amor, pelo trabalho que desenvolvem, contribui para um atelier consciente e confiante nas suas capacidades.

Desde Janeiro 2009 os Bolos Quentes são Albino Tavares, Duarte Amorim e Sérgio Couto.



### “Turno”

#### **Nota confessional sobre *Turno*.**

Às páginas tantas pressenti o abismo, talvez seja forte a expressão.

Fiz arte sobre a arte, fascinadamente. Esse fascínio detinha-me e empurrou-me para um massacre sobre a redundância.

Imagens visíveis de outras, visíveis de outras... num somatório do quase nada. Era a festa do novo num movimento quase perpétuo para dentro. Foi assim *Ready-showed, Ready ready-showed* e *Retrospectiva*.

Afigurou-se uma vontade de mudança.

Assim surge Turno. Um objecto nascido no limiar de um olhar ao mesmo tempo para fora e para dentro. Para fora, porque vasculha criticamente numa realidade exterior visível; para dentro, porque experimenta o lugar do vivido e memorável (no sentido celebratório do termo). É o Vale do Ave que se pretende significar, lugar feito e desfeito industrialmente, por onde cresci e me habituei até que a deslocalização exigida pela profissão, fez de mim filho do êxodo rural.

Hoje, represento esse vale numa estranheza familiar de um som, de uma imagem e de um objecto, que não podem ser apenas memória ou vontade de recordação, mas um ver actual sobre um flagelo social (e assim sucessivamente) de uma região que se despediu à muito da agricultura e que se despede agora do têxtil. Resta-nos pensar sobre o seu devir.

Turno é um projecto colaborativo com o colectivo Bolos Quentes no seu conceito de aparência, no qual empresto uma memória e pre[ocupação]individual.

Samuel J. M. Silva, Porto, 27 de Maio de 2009.